

Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé¹

*Rita Gonçalves*²

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract

This paper assesses the properties of Wh-constructions (relative clauses and Wh-questions) and clefts available in L1 Santomean Portuguese in a comparison with European and Brazilian Portuguese. In STP, C° can be filled by *que* or *é que* in both constructions, whereas in the standard variety *é que* is only possible in Wh-questions and inverted *é que* clefts. Moreover, relative clauses do not display a doubly filled CP in standard EP. However, this type of variation also exists in non standard EP and BP. We will further discuss the role of language contact and universal properties of grammar involved in this variation.

Keywords: Portuguese varieties, Santomean Portuguese, Wh-constructions, clefts, left periphery

Palavras-chave: variedades do português, português de São Tomé, Construções-Q, clivadas, periferia esquerda.

1. Introdução

Os estudos existentes sobre movimento de constituintes para a periferia esquerda da frase nas variedades do português, designadamente em clivadas (e.g. Kato *et al.*, 1996; Ambar, 1999; Costa & Duarte, 2001; Ambar 2005; Lobo, 2006; Vercauteren, 2010), centram-se essencialmente no português europeu (PE) e brasileiro (PB). Sobre as variedades emergentes do português em África, os trabalhos sobre a periferia esquerda limitam-se ao estudo das relativas no português de Moçambique (e.g. Chimbutane, 1996; Brito, 2002), e de São Tomé e Cabo Verde (Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer, 2011).

O presente trabalho pretende contribuir para o estudo destas estruturas sintáticas em variedades do português, particularmente no português de São Tomé (PST), tendo como base um *corpus* de produção oral espontânea do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Consideram-se objetivos principais deste trabalho: (i) descrever as estratégias de formação de construções-Q e de clivagem disponíveis no PST; (ii) comparar as estratégias do PST com as do PE e do PB; e (iii) propor uma análise sintática que dê conta das estratégias

¹ Agradeço a Tjerk Hagemeijer os comentários e a ajuda com os dados do forro.

² Investigação realizada no âmbito do projeto BD/73839/2010 financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

não canônicas do PE atestadas no PST. Procuraremos discutir, ainda, se as estratégias exibidas pelo PST constituem um reflexo das línguas crioulas com as quais o português está em contacto em São Tomé e Príncipe ou se são determinadas por princípios universais da gramática.

2. O português de São Tomé

São Tomé e Príncipe é palco de um processo de mudança linguística singular no quadro das ex-colónias portuguesas. Assiste-se a um processo de nativização do português, (e.g. Winford, 2003) associado à perda da relevância linguística dos crioulos autóctones – o forro, o lung'ie e o angolar (Gonçalves, 2010). Este processo é atestado pelos dados estatísticos dos censos de 1981-2001, na medida em que se verifica que a diferença no número de falantes do português e do forro (crioulo dominante) aumenta significativamente de década para década. De acordo com o RGHP de 2001, o português é falado por 98,9% da população, contra 72,4% de falantes do forro.

Este fenómeno de transição do português L2 para L1 terá fomentado a transmissão irregular desta língua e, conseqüentemente, a emergência de estruturas gramaticais distintas do português padrão. Fatores linguísticos e sociolinguísticos determinam a existência de variação em diferentes áreas, designamente: propriedades de subcategorização verbal (Gonçalves, 2010, 2012); estratégias de relativização (Alexandre, Gonçalves & Hagemeyer, 2011); concordância nominal e verbal (Brandão, 2011; Brandão & Vieira, 2012); e, como veremos no presente estudo, em construções-Q e de clivagem.

3. Dados

O presente trabalho baseia-se num *corpus* de produção oral espontânea do PST, recolhido no âmbito do projeto Variedades Africanas do Português (VAPOR), em 2008 e 2011 (CLUL). O *corpus* é composto por cerca de 280.000 palavras transcritas (correspondentes a 35 horas de gravação), distribuídas por entrevistas a 65 informantes, com escolarização entre o 4.º ano e a licenciatura, na sua maioria com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos de idade. Todos os informantes são falantes do português oral urbano, tendo as entrevistas sido realizadas na cidade de São Tomé e em bairros periféricos.

4. Construções-Q e de clivagem em PE.

De uma forma geral, podemos caracterizar as construções-Q (clivadas, interrogativas e relativas) como estruturas aparentadas por partilharem movimento-Q para Spec/CP: um morfema-Q, no caso das clivadas-Q (cf. (1.a)), das interrogativas parciais (cf. (2.a)) e das relativas de objeto indireto e oblíquo (cf. (3.a-b)); ou um operador nulo, no caso das relativas de sujeito e de objeto (cf. (3.c-d)); interrogativas *in situ* (cf. (2.b)) e das restantes estratégias de clivagem (cf. (1.b-f)³). No entanto, uma vez que, no domínio da clivagem, não constituem nosso objeto de estudo as clivadas que envolvem um morfema relativo (i.e. as clivadas-Q), consideraremos como construções-Q apenas as relativas e interrogativas e como estratégias de clivagem as restantes estruturas sintáticas em análise.

(1) a. Foi o bolo o que o João comeu.

b. Foi o bolo que o João comeu.

c. O que o João comeu foi o bolo.

d. O bolo foi o que o João comeu.

e. O bolo é que o João comeu.

f. O João comeu foi o bolo.

(2) a. Quem (é que) comeu o bolo?

b. A senhora deu o bolo a quem?

(3) a. Está ali o rapaz a quem a senhora deu o bolo.

b. Encontrei o rapaz com quem a senhora conversou ontem.

c. O rapaz que comeu o bolo é meu amigo.

d. Encontrei o rapaz que comeu o bolo.

³ Clivadas básicas; pseudoclivadas básicas (com foco informacional no DP); pseudoclivadas invertidas (com foco informacional na relativa); pseudoclivada invertida de *é que* e semi-pseudoclivadas básicas, respetivamente, na terminologia de Costa & Duarte (2001), adotada em Mateus *et al.* (2003), e que seguiremos no presente estudo. Note-se, no entanto, que as mesmas estruturas têm recebido diferentes designações. Na terminologia de Kato *et al.* (1996), os exemplos apresentados em (1.b-f) correspondem, respetivamente, a “clivadas impessoais”; “pseudoclivadas”; “pseudoclivadas invertidas ou clivadas invertidas de sujeito”; “clivadas invertidas focais” e “pseudoclivadas reduzidas”. Âmbar (2005) designou (1.e) e (1.f) de “Infl-less clefts” e “That-less clefts”, ao passo que Costa & Lobo (2009) optaram, para as mesmas estruturas, pelas designações “clivadas de *é que*” e “clivadas de *ser*”.

Embora partilhem o mesmo tipo de movimento para a periferia esquerda da frase, as estruturas que nos propomos analisar detêm propriedades distintas. Em primeiro lugar, as interrogativas e as relativas distinguem-se quanto ao traço de força ilocutória de C°, sendo nas primeiras o traço [Int] e nas segundas o traço [Decl]. Além disso, nas interrogativas do PE, a posição de C° é ocupada por *é que*, no caso das interrogativas focalizadas (Duarte, 2000), ou pelo verbo, mediante o fenómeno de inversão sujeito-verbo, analisado como movimento de T-para-C, no caso das interrogativas sem *é que* (Ambar, 1992). Contudo, embora o PE admita a lexicalização do núcleo funcional C pelo morfema fixo *é que* (cf. (4.a)), que terá resultado de uma gramaticalização da cópula *ser* + complementador, não admite a coocorrência dos morfemas-Q com os traços formais [+Int, +Q] com complementadores explícitos em C° (e.g. Brito, 1991; Brito *et al.*, 2003) (cf. (4.b)).

Para além disso, a coocorrência de morfemas-Q com *é que* ou com complementadores explícitos em C° em relativas (restritivas/livres) (cf. (5)) também não permite derivar enunciados gramaticais no PE. No entanto, no PST e no português brasileiro (PB) enunciados como o de (4.b) são possíveis. Do mesmo modo, estruturas como as exemplificadas em (5) são atestadas em *corpora* de variedades do português, no PB e no PST, como veremos na secção seguinte.

(4)a. Quem *é que* veio?

b. *Como *que* a Maria veio?

(5)a. *A rapariga a quem *é que/que* deste o livro *é* irmã do João.

b. *Quem *é que/que* lê livros conhece muitas histórias.

Relativamente às construções que envolvem a clivagem de um constituinte, o PE é uma língua particularmente rica, uma vez que dispõe, pelo menos na variedade *standard*, de seis estratégias que têm sido amplamente descritas e analisadas na literatura (e.g. Ambar, 1999, 2005; Costa & Duarte, 2001; Kato *et al.*, 1996; Lobo, 2006; Vercauteren, 2010) (cf. (1)). Na nossa análise, centrar-nos-emos apenas nas clivadas básicas e nas pseudoclivadas invertidas de

é que (cf. (1.b) e (1.e)), que são tipicamente mais frequentes⁴, e em estruturas aproximadas que, como veremos, também são exibidas no português de São Tomé.

A análise sintática das construções de clivagem do PE não tem sido unânime. Costa & Duarte (2001) propõem uma análise unificada, a qual prediz, entre outros aspetos, que as clivadas básicas e as clivadas-Q têm um comportamento homogéneo. No entanto, Lobo (2006) apresenta vários aspetos que ilustram a assimetria existente entre as duas estratégias⁵, designadamente o facto de apresentarem (i) diferentes padrões de concordância; (ii) diferentes restrições à clivagem de constituintes; (iii) diferentes possibilidades de ordenação dos constituintes; e (iv) diferentes restrições à clivagem de pronomes complemento. Consequentemente, Lobo (2006) propõe uma análise sintática das clivadas básicas, de acordo com a qual o constituinte clivado é deslocado para [Spec, CP] encaixado.

A análise unificada das construções de clivagem prediz ainda que todas as estratégias de clivagem são estruturas bi-oracionais. No entanto, Soares (2006) e Lobo (2006) propõem que as clivadas de *é que*, ao contrário de outras clivadas, são frases simples – estruturas mono-oracionais – em que a expressão *é que* lexicaliza C° (à semelhança da mesma sequência em interrogativas-Q)⁶, pelo que, ao contrário das restantes clivadas, nas pseudoclivadas invertidas de *é que*, *ser* não projeta uma categoria TP. Constituem argumentos a favor desta análise o facto de: (i) a forma *ser* se manter invariável nestas estruturas (não flexiona em tempo nem em pessoa e número) (cf. (6) vs. (7)); e de (ii) as formas *é* e *que* não poderem ser interrompidas por nenhum constituinte (cf. (8)) (Ambar, 1992; Costa & Duarte 2001; Costa & Lobo 2009):

(6)a. O bolo *é que* o João comeu.

b. As bolachas *é que* o João comeu.

(7)a. *O bolo foi *que* o João comeu⁷.

b. *As bolachas foram *que* o João comeu.

⁴ De acordo com Lobo, Santos e Soares (2012), e com base na produção espontânea de adultos do *corpus* de Santos (2006), verifica-se que “as clivadas de *é que* são de longe o tipo de clivadas que tem uma frequência mais alta (49%), seguindo-se as clivadas canónicas (33%) e as semipseudoclivadas (16%). As pseudoclivadas (básicas e invertidas) têm uma frequência muito reduzida.”

⁵ Dias (2003) e Soares (2006) também apontam alguns desses aspetos como contra-argumentos à análise unificada das clivadas no português.

⁶ Costa & Duarte (2001) consideram que a sequência *é que* resulta de uma re-interpretação como uma forma fixa que ocupa uma só posição sintática (I°/T°), contrariamente à expressão *é que* que ocorre igualmente em interrogativas-Q e que nestas lexicaliza o nó C°.

⁷ De acordo com Ambar (2005), para que a cópula seja flexionada neste contexto, é necessário que um sintagma-Q substitua o complementador, resultando numa clivada-Q:

(i) *O bolo foi o que o João comeu.*

(8)*O bolo é, de facto, que o João comeu.

Esta análise das pseudoclivadas invertidas de *é que* é favorecida tanto por dados de aquisição como por dados de outras variedades do português. Os primeiros mostram que estas estruturas são menos complexas do que as clivadas canónicas, emergindo mais cedo (Soares, 2006; Lobo, Santos e Soares, 2012). Os segundos ilustram a coocorrência de clivadas de *é que* com outras estratégias de clivagem, bem como a ocorrência de *é que* recursivo (Costa & Lobo 2009, Vercauteren 2010):

(9) É assim é que a gente corta. (Variedades dialetais do português (VDP)⁸)

(10) E lá é que é que eu vi⁹.

Em síntese, assume-se neste trabalho que, nas construções-Q do PE, CP pode ser duplamente preenchido nas interrogativas e nas pseudoclivadas invertidas de *é que*: em ambas *é que* lexicaliza o núcleo funcional C°. As clivadas básicas, por sua vez, são estruturas bi-oracionais nas quais o constituinte posto em destaque é deslocado de uma posição interna à oração subordinada para uma posição na periferia esquerda. No que concerne às orações relativas do PE, a posição de C° está vazia (quando encabeçadas pelos morfemas-Q *quem, o qual, quanto* e *onde*). Excetuam-se as relativas de sujeito e de objeto encabeçadas pelo complementador *que* (e.g. Brito, 1991) que lexicaliza o núcleo funcional de CP. Embora durante muito tempo se tenha considerado que a coocorrência de um morfema-Q e de um complementador viola o filtro do Comp duplamente preenchido (Chomsky & Lasnik, 1977), há já ampla evidência de que esses podem coocorrer¹⁰ (e.g. Bianchi, 1999, sobre várias línguas

⁸ Os dados sobre as variedades dialetais do português referidos no presente trabalho são retirados do *corpus* dialetal para o estudo da sintaxe (Cordial-Sin) do CLUL, composto por cerca de 600.000 palavras, correspondentes a 68 horas de registo sonoro. O *corpus* é pesquisável em: <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>.

⁹ A ocorrência de *é que* recursivo no português europeu dialetal constitui mais um argumento a favor da sua ocorrência em C°, visto que a categoria TP não é recursiva. Além disso, a existência de complementação recursiva no português europeu não é propriedade exclusiva destas estruturas, uma vez que, como referem Costa & Lobo (2009), o português europeu não padrão dispõe de outras estruturas que envolvem recomplementação, ainda que nesses casos os complementadores não possam ocorrer justapostos:

(i) *O Zé disse que, se tivesse mais dinheiro, que compraria esta casa.*

(ii) *Eu disse que amanhã que nós falamos.*

¹⁰ Vejam-se os seguintes exemplos do crioulo de Cabo Verde, retirados de Alexandre (2006):

(i) *Undi ki es kunpra pexe?*

Onde que 3PL comprar (PERF) peixe

‘Onde é que compraram o peixe?’

(ii) *Ken ki ka konxe bidjakaria di Nho?*

Quem que NEG conhecer velhacaria de senhor

‘Quem é que não sabe como o senhor é velhaco?’

e variedades dialetais; Alexandre, 2006, 2012; para o crioulo de Cabo Verde; Bayer, 2002; Bayer & Brandner, 2008; para estádios anteriores da língua e variedades dialetais (inglês, alemão, francês, italiano). Nova evidência será fornecida pelos dados de variedades do português que descreveremos na secção seguinte.

5. Construções-Q e de clivagem no PST

À semelhança do PE, o PST dispõe de perguntas clivadas ou interrogativas focalizadas, na terminologia proposta por Kato *et al.* (1996) e Duarte (2000), para o PB e o PE, respetivamente. Contudo, admite igualmente uma estratégia de interrogativas na qual o morfema-Q e o complementador coocorrem (cf. (12)). A mesma variação é atestada no PB (cf. (13)).

- (11) a. **O que é que** produzimos afinal no nosso país? (PST)
 b. As pessoas geralmente perguntam **porque é que** eu escolhi corrupção. (PST)
- (12) a. Em que lugar? **Onde que** eu nasci? (PST)
 b. Perguntam se S. Tomé tem muito emprego, **quanto que** eu ganho. (PST)
- (13) a. **Como é que** a Maria veio? (PB)
 b. **Como que** Maria veio? (PB; Kato *et al.*, 1996)

Consideramos que estruturas do tipo das exemplificadas em (12) e (13.b) podem ser analisadas da mesma forma que as interrogativas de *é que* admitindo que o núcleo de C pode ser preenchido por *que*, naquelas, e por *é que*, nestas. Esta análise corrobora a assunção de que a coocorrência dos morfemas-Q com os traços formais [+Int, +Q] com complementadores está sujeita a condições variáveis de língua para língua ou entre variedades de uma mesma língua (Brito *et al.* 2003). Também Costa & Duarte (2001:629) já haviam sugerido que a ocorrência da forma *que* em vez de *é que* no PB não constituía uma grande diferença estrutural relativamente ao PE, defendendo que “é legítimo supor que a forma que lexicaliza o núcleo funcional em PE é *é que*, sendo apenas o complementador *que* em PB”.

De acordo com esta análise, é legítimo supor que outras construções nas quais *é que* lexicalize o núcleo funcional C, nestas variedades, também estejam sujeitas a variação. Na verdade, tanto o PST como o PB, que admitem a coocorrência de morfemas-Q com complementadores em interrogativas, exibem pseudoclivadas invertidas de *que*:

(14) a. A igreja **que** diz que é possível melhorar meio de vida e usam essa técnica.

(PST)

b. Quando eu fui **que** eu consegui transitar. (PST)

(15) a. A Maria **que** me deu o CD. (PB; Kato & Raposo, 1996)

b. O CD **que** a Maria me deu. (PB; Kato & Raposo, 1996)

Apesar de as pseudoclivadas invertidas de *que* gerarem leituras ambíguas entre clivadas e relativas, designadamente quando o constituinte clivado é um NP sujeito ou objeto (cf. (14.a) e (15)), essa ambiguidade é desfeita pelo contexto¹¹.

De acordo com Kato e Raposo (1996), esta estratégia decorre de um fenómeno de apagamento da cópula, pelo que estas estruturas têm sido classificadas na literatura como clivadas sem cópula. No entanto, para assumir que há apagamento de cópula tem que se pressupor que a cópula estava presente na numeração e foi apagada em algum momento da derivação. Além disso, de acordo com a análise adotada neste trabalho, *ser* perdeu os traços de flexão que permitem considerá-lo um verbo copulativo (e.g. Lobo, 2006; Soares, 2006). Constitui um argumento adicional o facto de não ocorrerem no *corpus* do PST interrogativas/clivadas com morfema-Q seguido de verbo *ser* flexionado.

Neste sentido, do mesmo modo que admitimos que a possibilidade de o núcleo funcional C° ser lexicalizado apenas pelo complementador nas interrogativas-Q não altera a estrutura dessas construções (e.g. Costa & Duarte, 2001), consideramos que as pseudoclivadas invertidas de *que* são estruturas mono-oracionais, por analogia com as pseudoclivadas

¹¹ Veja-se que, no caso do caso do crioulo de Cabo Verde, essa ambiguidade é desfeita pela introdução de uma coordenada com valor contrastivo (e.g. Alexandre, 2011):

(i) Mininu ki kume freskinha (e ka katxor).
 Rapaz que comer gelado (e NEG cão)
 'O rapaz é que comeu o gelado (não foi o cão).'

invertidas de *é que* do PE (e.g. Lobo, 2006; Soares, 2006), apresentando uma estrutura sintática que lhes é análoga:

(16) [CP [eu]_i [C' **que/é que** [TP t_i faltei à aula]]].

Uma predição resultante da análise de pseudoclivadas invertidas de *é que* como estruturas mono-oracionais, nas quais *ser* não projeta uma categoria TP, é a possibilidade de estas coocorrerem com outras estratégias de clivagem (Costa & Lobo 2009). De facto, esta predição é confirmada não só por dados das VDP (cf. (17)), como também por dados do PB (cf. (18)) e do PST (cf. (19)):

(17) **Era** todo o bichinho **é que** lá corria a picar no ovo. (VDP; Vercauteren, 2010:61)

(18) **É** a gente **é que** sofre. (PB; Braga, 1991)

(19) a. **Foi** em Maio de sessenta e oito **é que** comecei a estudar. (PST)

b. **É** ali **é que** o cabo-verdiano foi apanhar cacetada. (PST)

As construções exemplificadas em (17)-(19), em que o elemento focalizado é precedido da cópula e seguido do morfema fixo *é que* têm sido apelidadas na literatura sobre o PB de clivadas com dupla cópula (e.g. Braga, 1991; Ribeiro & Côrtes Junior, 2009). Vercauteren (2010), sobre VDP, designa-as por clivadas de *SER X é que*. Na linha da análise que seguimos neste trabalho, de acordo com a qual a forma *é que* gramaticalizou como C°, propomos a adoção da designação clivada mista, por esta, efetivamente, resultar da coocorrência de duas estratégias: clivada básica e pseudoclivada invertida de *é que*¹².

De acordo com Vercauteren (2010), no português europeu dialetal, esta estrutura respeita os padrões de concordância de ambos os tipos de clivagem: a cópula que precede o constituinte focalizado concorda em tempo com a forma verbal do domínio subordinado e a expressão lexicalizada *é que* é invariável. No PST, nem sempre há concordância entre o verbo copulativo e o verbo do domínio encaixado em clivadas mistas. São registados casos em que a

¹² Casteleiro (1979:106-107) já a havia classificado como uma estratégia do português coloquial, caracterizando-a como “uma espécie de aglutinação da construção clivada com a construção enfática com *é que*”.

cópula concorda com a forma verbal do CP encaixado (cf. (19.a)) e em que a cópula ocorre na 3.^a pessoa do singular, não concordando, por isso, em tempo, com a forma verbal da oração pequena (cf. (19.b)).

Apesar de o elemento que lexicaliza o núcleo funcional ser distinto, consideramos que podemos analisar as clivadas mistas da mesma forma que as clivadas básicas (Costa & Duarte, 2001), admitindo que C° pode ser preenchido por *é que*, naquelas, e por *que*, nestas, numa configuração como a apresentada em seguida.

(20) [TP pro [T'fui [CP eu_j [C' **que/é que** [TP t_j faltei à aula]]]]]

Também no campo da relativização, o PST exhibe a possibilidade de os morfemas-Q, *quem* e *onde*, coocorrerem com o complementador¹³. No *corpus* do PST são atestadas relativas com e sem antecedente exposto que parecem ser focalizadas, numa estrutura próxima da das interrogativas-Q apresentadas em (12), para o PST, e (13.b), para o PB:

(21) Estou procurar mesmo na área de contabilidade **onde que** eu domino mais. (PST)

(22) **Quem que** relaciona mais com ele é a colega que eu trabalho com ele. (PST)

(23) Esse centro é **onde que** vai encontrar toda a família. (PST)

Esta estratégia não é, no entanto, exclusiva do PST, uma vez que o *corpus* de referência do português contemporâneo¹⁴ (CRPC) também exhibe relativas do mesmo tipo, pelo menos, encabeçadas pelos morfemas-Q *quem*, *onde* e *quando*¹⁵, embora não sejam consideradas exemplos do PE padrão:

(24) Aquele quer prender **quem que** não entrega a declaração. (PE não *standard*)

¹³ Não são registadas ocorrências no *corpus* do PST de outros morfemas-Q em coocorrência com o complementador.

¹⁴ Pesquisável em: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/crpcweb23/index.php?thisQ=restrict&uT=y>.

¹⁵ Assume-se, neste trabalho, seguindo Mória (2001), que construções do tipo apresentado em (26), i.e. nas quais o morfema *quando* pode ser parafraseado por “(n)a altura em que”, correspondem a orações relativas e não a orações subordinadas adverbiais temporais.

(i) O desfile (...) foi efectuado **quando que** se aproxima o fim do julgamento.

(ii) O desfile (...) foi efectuado **na altura em que** se aproxima o fim do julgamento.

Do mesmo modo, orações introduzidas pelo morfema *como*, parafraseáveis por “(d)o modo que”, recebem a mesma classificação.

(25) Anuncia um mega-projecto residencial a ser erguido na zona **de onde que** o Governo continua decidido a retirar (...) os populares pobres que ali construíram as suas casas há mais de 20 anos. (PE não *standard*)

(26) O desfile (...) foi efectuado **quando que** se aproxima o fim do julgamento. (PE não *standard*)

Os dados do PST e do PE parecem sugerir que o português exibe um *input* ambíguo, na medida em que interrogativas e relativas que apresentam a mesma estrutura não admitem a mesma lexicalização do núcleo funcional C: os morfemas com os traços [+Q + Int] coocorrem com *é que* ou complementador nulo, enquanto os morfemas com os traços [+Q + Decl] coocorrem apenas com o último. Porém, a assunção de que a existência de estruturas como as exemplificadas em (21-26) decorre de um *input* ambíguo prediz que ocorram também relativas introduzidas por *é que* nestas variedades.

Na verdade, são também atestadas no PST ocorrências de relativas sem antecedente expresso com *é que*, ainda que apenas quando introduzidas pelo morfema-Q *o que* e em contextos de pseudoclivadas básicas. Além disso, foram registadas no *corpus* do PST apenas quatro ocorrências de relativas com *é que*, o que mostra claramente uma maior variação entre relativas com complementador nulo e com complementador explícito (*que*) do que entre relativas com complementador nulo e com morfema fixo *é que*.

(27) a. **O que é que** nós encontramos na sala é sofá. (PST)

b. **O que é que** falta é condições financeira. (PST)

Contudo, como atesta o *corpus* do português dialetal, e referem Cardoso (2007) e Cardoso & Alexandre (no prelo), as VDP exibem uma estratégia distinta de relativização que as autoras designam por *relativas clivadas*, por ocorrerem com *é que*¹⁶:

(28) a. Só havia aqui um senhor **que é que** tinha muitas abelhas. (VDP)

b. Isto chamava-se a sega – uma sega – **que era que** cortava a leiva. (VDP)

¹⁶ Vercauteren (2010) identifica-as como relativas com *é que*.

- (29) a. **Quem é que** tinha matado o bicho casava com a filha. (VDP)
 b. No mineiro é **onde é que** ela costuma a pôr. (VDP)

Alexandre (2006:7) já fizera notar que o PB também dispõe de uma estratégia relativa rara que a autora apelidara de relativa focalizada, por analogia com interrogativas focalizadas (Duarte, 2000), por coocorrer com *é que*:

- (30) (...) mas tem muitas pessoas **que é que** vai realmente na escola não prá aprende
 prá fica falando um do outro (...). (PB)
 (31) (...) que nem o professor de Direito Civil **que é que** seria a aula mais importante
 assim que a gente teria (...). (PB)

No entanto, apesar de as três variedades exibirem a coocorrência do morfema-Q com outro elemento (*que/é que*) em relativas, essa estratégia apresenta propriedades distintas nas diferentes variedades. Considerando, em primeiro lugar, as VDP e o PST, verifica-se que: (i) nas primeiras, C^o não é preenchido por uma morfema fixo: o verbo *ser* apresenta variação no tempo verbal, podendo concordar com o tempo do verbo da oração encaixada ou ocorrer no presente do indicativo (*é que*) por *default* (cf. (28.a) e (29)) (Cardoso, 2007). No PST, por sua vez, os morfemas relativos coocorrem tipicamente com o complementador *que* (cf. (21-23)) ou com o morfema fixo *é que* (cf. (27)); (ii) nas VDP, os morfemas *que*, *quem*, *onde*, *o que*, *quando* e *como* co-ocorrem com *é que* (Cardoso & Alexandre, no prelo), enquanto no PST, tendo em conta os dados do *corpus* analisado, apenas os morfemas *onde* e *quem* coocorrem com *que* e o morfema *o que* coocorre com *é que*. Além disso, tanto no PST como nas VDP, há uma maior incidência de coocorrência do morfema-Q com outro elemento (*que/é que*) em orações encabeçadas por *onde*. Na variedade são-tomense, num total de 16 relativas clivadas, 12 são introduzidas por *onde*, enquanto nas variedades dialetais do português se registam 71 relativas com o morfema *onde*, num universo de 124 relativas clivadas (cf. Cardoso & Alexandre, no prelo).

Um dos aspetos que parece ser comum à formação de relativas com *que/é que* no PST (cf. (22-23) e (27)) e nas VDP (cf. (29)), independentemente do elemento que coocorre com o morfema-Q, é o facto de coocorrerem tipicamente com outras estratégias de clivagem,

nomeadamente a pseudoclivada básica e a pseudoclivada invertida, as quais envolvem uma relativa sem antecedente expreso.

Embora não tenhamos dados suficientes sobre a variedade brasileira, os exemplos (30-31) parecem sugerir que as relativas do PB se aproximam mais das exibidas pelas VDP, por serem clivadas por *é que*, enquanto o PST está mais próximo do PE (considerando (24-26) do CRPC), por ambas as variedades exibirem um morfema-Q e um complementador em coocorrência.

As variedades do português parecem exibir, portanto, dois tipos de construções com *é que*: (i) aquelas em que *é que* é reanalisado como um morfema fixo (*ser* perdeu os traços de flexão que permitem considerá-lo um verbo copulativo) e lexicaliza C° (e.g. Lobo, 2006), como nas pseudoclivadas invertidas de *é que*, interrogativas com *é que* e relativas com *é que* do PST; e (ii) aquelas em que *ser* é um verbo pleno que projeta a sua própria categoria TP e selecciona um CP, como nas relativas com *é que* das VDP e do PB (Cardoso & Alexandre, no prelo). As relativas do PST e do PE do tipo das apresentadas em (21-26)) não requerem, porém, que se adopte uma análise deste tipo, uma vez que C° está disponível para ser lexicalizado por *que*. Constitui um argumento adicional o facto de no PST não ocorrerem relativas de sujeito ou de objeto com antecedente expreso, introduzidas pelo complementador *que* (Brito, 1991), seguidas de *que*. Numa análise em que *que* lexicaliza C°, a gramaticalidade desses enunciados seria impossível, uma vez que C° seria duplamente preenchido.

Apresenta-se, em seguida, uma síntese das estratégias de formação de construções-Q nas variedades descritas:

	PE		PB		PST	
	<i>que</i>	<i>é que</i>	<i>que</i>	<i>é que</i>	<i>que</i>	<i>é que</i>
Clivadas básicas	√	(√) ¹⁷	√	√	√	√
Pseudoclivadas	*	√	√	√	√	√
Interrogativas	*	√	√	√	√	√
Relativas	(√) ¹⁸	(√) ¹⁹	* ²⁰	√	√	√

¹⁷ Apenas em dados do português europeu dialetal (Casteleiro, 1979; Costa & Lobo, 2009; Vercauteren, 2010).

¹⁸ Em variedades não *standard* do português (CRPC).

¹⁹ Em variedades não *standard* do português (CRPC).

²⁰ De acordo com Cardoso & Alexandre (no prelo), no *corpus* do NURC, não são atestadas relativas com morfema-Q e complementador em coocorrência.

As três variedades exibem clivadas básicas e admitem a existência de uma estratégia de clivagem mista (ainda que no PE apenas em variedades dialetais). Relativamente às pseudoclivadas e às interrogativas, a variação é atestada apenas no PB e no PST: ambas as variedades exibem pseudoclivadas/interrogativas com *que* em C°. No domínio das relativização, a variação ocorre em todas as variedades: as VDP e o PB (e o PST) admitem relativas com *é que*, enquanto o PST e o PE não *standard* admitem a coocorrência de morfemas-Q com complementador explícito. Por consequência, o PST é a única variedade em que, tanto em construções-Q como de clivagem, C° pode ser preenchido por *que*.

6. Contacto linguístico vs. princípios universais da gramática

Distintamente do PE e do PB, o PST é uma variedade do português historicamente em contacto com línguas crioulas – o angolar, o lung’ie e o caboverdiano, mas sobretudo com o forro²¹. Consequentemente, partilha com estas línguas propriedades como a transitivização direta, a construção de duplo objeto, e a estratégia de relativização com cópia defetiva (Gonçalves, 2010; Alexandre, Gonçalves & Hagemeijer, 2011). A produção destas estruturas está, no entanto, sujeita a variação e associada a um maior ou menor efeito da escolarização.

No campo das construções-Q e de clivagem no forro, o núcleo funcional C é lexicalizado por um só elemento: *ku* nas relativas (cf. (33)), interrogativas (cf. (34)) e clivadas do tipo ilustrado em (35.a). Este aspeto permite aproximar o PST da língua crioula com a qual está contacto, uma vez que naquele, tanto em construções-Q como de clivagem, C° pode ser preenchido por *que*.

(33) Inen kwa se **ku** a ka da ngê sôtxi ku ê.
 PL coisa DEM REL IMP IPFV dar pessoa bater com 3SG
 ‘As coisas que dão sorte às pessoas.’

(34) Kê kwa **ku** ê kume ku ê?
 Que coisa COMP 3SG comer com 3 SG
 ‘Com que coisa é que ele comeu?’

(35) a) Sa inen faka se **ku** / ***soku** Zon va mpon ku ê.
 Ser PL faca DEMCOMP FOC Zon cortar pão com 3SG
 ‘Foi com estas facas que o João cortou o pão com ele.’

²¹ Os dados do forro usados neste trabalho foram gentilmente cedidos por Tjerk Hagemeijer.

- b) Ami **so** / **soku** / ***ku** ka ba bêbê plumêlu.
 1SG FOC / COMP IPFV ir beber primeiro
 ‘Eu é que estou a beber primeiro.’

No entanto, o PST exhibe, igualmente, a possibilidade de C^o em pseudoclivadas invertidas ser preenchido por *que*, quando no forro *ku* não pode ser usado como focalizador (cf. (35.b)). Apenas *so/soku* podem desempenhar essa função. O PST admite ainda, como vimos, uma estratégia de clivagem mista que não é possível no forro (cf. (35.a)).

Além disso, a coocorrência de *ku* com os morfemas-Q *ken* ‘quem’ e *an* ‘onde’, formas alternativas a *kê ngê* e *andji*, não é aceitável nesta língua (cf. (37) e (38)). Neste sentido, a hipótese de contacto linguístico não só é insuficiente para dar conta da produção de clivadas no PST, como também da produção de interrogativas ou relativas com C^o lexicalizado por *que*²².

- (37) a) Kê ngê **ku** ba fesa?
 b) Ken (***ku**) ba fesa?
 quem (que) vai festa
 ‘Quem foi à festa?’

- (38) a) Anji **ku** bô xka be?
 b) An (***ku**) bô xka be?
 onde (que) 2SG PROG ir
 ‘Onde estás a ir?’

Em síntese, embora tanto o PST como o forro apresentem duas estratégias de lexicalização de C^o em construções-Q e de clivagem (*que/é que* e *ku/soku*), estas não têm um comportamento equivalente em ambas as línguas. No PST, há variação entre *que* e *é que* em relativas, interrogativas e clivadas. No forro, por sua vez, *so(ku)* ocorre unicamente nas clivadas.

Não obstante estes aspetos, como descrito anteriormente, outras variedades do português, designadamente o PE, que não se encontram em semelhante situação de contacto linguístico, exibem, como vimos, variação no mesmo domínio do PST. Neste sentido, consideramos que, embora o PST seja uma L1 decorrente de uma L2, adquirida em contacto com línguas

²² No crioulo de Cabo Verde, contudo, o complementador *ki* é usado tanto em relativas e interrogativas, como em clivadas (cf. Alexandre, 2012). Neste sentido, a mesma hipótese de contacto linguístico parece ser determinante para dar conta dos resultados obtidos numa tarefa de repetição de interrogativas com *é que* aplicada a crianças falantes monolíngues do português e bilingues do português/caboverdiano (cf. Costa, Lobo & Pratas, 2013). Enquanto as primeiras omitem o morfema fixo *é que*, as segundas omitem apenas a cópula *é*, produzindo estruturas nas quais o morfema-Q e o complementador coocorrem, como no crioulo, independentemente do facto de serem ou não *d-linked* (cf. nota de rodapé 10).

africanas, a variação a nível das estratégias de lexicalização do núcleo funcional C, apresentada neste trabalho, está mais dependente de princípios universais da gramática do que do *transfer* daquela que, historicamente, foi a L1 de alguns dos falantes.

7. Considerações finais

Verificámos que a variação a nível das construções-Q e de clivagem exibida pelo PST é atestada também noutras variedades L1 do português, como o PE e o PB. Por um lado, a variedade são-tomense aproxima-se mais da brasileira, ao admitir interrogativas e pseudoclivadas invertidas com *que*. Por outro, o PST está mais próximo do PE, ao exibir clivadas mistas e relativas com *que* (ainda que no PE a produção destas estruturas não seja considerada *standard*). Verificámos, ainda, que a possibilidade de o núcleo funcional C°, no PST, ser lexicalizado em relativas parece ser decorrente de um *input* ambíguo do português e, como tal, mais dependente de princípios universais da gramática do que da influência das línguas crioulas com as quais está em contacto. Tanto outras variedades do português, como outras línguas exibem construções equivalentes às atestadas no PST que não são, por sua vez, exibidas pelo forro.

Referências

- Alexandre, N. (2006) “Estruturas em movimento: alguns tópicos sobre construções-Q e de clivagem”. *Letras de Hoje* 41 (1), pp. 99-119.
- _____ (2012) *The Defective Copy Theory of Movement: Evidence from Wh-Constructions in Cape Verdean Creole*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ.
- Alexandre, N.; Gonçalves, R.; Hagemeyer, T. (2011) A formação de frases relativas de PP no português de Cabo Verde e de São Tomé. *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 17-34.
- Ambar, M. (1992) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Lisboa: Colibri.
- _____ (1999) Aspects of the syntax of focus in Portuguese. In G. Rebuschi e L. Tuller, *The grammar of focus*, Amsterdam: John Benjamins, pp. 23-53.

- _____ (2005) Clefts and tense asymmetries. In Anna Maria Di Sciullo (ed.). *UG and External Systems. Language, brain and computation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 95- 127.
- Bayer, J. (2002) Decomposing the left periphery: dialectal and cross-linguistic evidence. In Horst Lohnstein & Susanne Trissler (ed.). *The syntax and semantics of the left periphery*. Berlin: Mouton of Gruyter, pp. 59-96.
- Bayer, J. & Brandner, E. (2008) On Wh-head-movement and the doubly-filled-comp filter. In Charles B. Chang & Hannah J. Haynie. (ed.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, Ma, USA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 87-95.
- Bianchi, V. (1999) *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin: Mouton of Gruyter.
- Braga, M. L. (1991) As sentenças clivadas no português falado no Rio de Janeiro. *Organon* (18) 5.
- Brandão, S. (2011) Concordância nominal na variedade urbana do português falado em São Tomé. *Dossiê Língua, Literatura, Identidades* 33 (1), pp. 31-42.
- Brandão, S. & Vieira, S. (2012) A concordância nominal e verbal no português do Brasil e no português de São Tomé. *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* 22 (1), pp. 7-39.
- Brito, A. M. (1991) A Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos, Diss. de Doutoramento, INIC: Porto.
- _____ 2002. Relativas de genitivo “estranhas” no português de Moçambique: erros ou sinais de mudança?. In *As Ciências Sociais nos Espaços de Língua Portuguesa: Balanços e desafios: actas*, 2, Porto: FLUP, pp. 329-336.
- Brito, A. M.; Duarte, I. & Matos, G. (2003) “Estrutura da frase simples e tipos de frases.” In Mateus *et al.* *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 431-506.
- Brito, A. M.; Duarte, I. (2003) “Orações relativas e construções aparentadas”. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 654-694.
- Cardoso, A. (2007) Cleft relatives. Ms, Universidade de Lisboa [Resumo do capítulo que integrou a proposta de publicação do livro *Portuguese Dialect Syntax*].

- Cardoso, A. & Alexandre, N. (No prelo) Relativas clivadas em variedades não standard do PE. In *Textos seleccionados do XXVIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*.
- Casteleiro, J. M. (1979) Sintaxe e Semântica das construções enfáticas com *é que*. In *Boletim de Filologia*, XXV.
- Chimbutane, F. (1996) A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas de OD e de OBL do português de Moçambique. In *Actas do XI Encontro Nacional da APL*, vol. III. Lisboa: Colibri, pp. 225-248.
- Chomsky, N. & Lasnik, H. (1977) Filters and control. *Linguistic Inquiry* 8, pp. 425-504.
- Costa, J. & Duarte, I. (2001) Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, pp. 627-638,
- Costa, J. & Lobo, M. (2009) Estruturas clivadas: evidência dos dados do português europeu não-standard. In *Anais do Congresso Internacional da Abralin - João Pessoa - 2009*. Universidade Federal do Paraná, v. 2, pp. 3800-3806.
- Costa, J.; Lobo, M.; Pratas, F. (2013) Sentence repetition task. Results from Capeverdean-Portuguese bilingual and Portuguese monolingual children, MS. Universidade Nova de Lisboa [Comunicação apresentada no COST 2013].
- Dias, L. C. dos S. (2003) *As estruturas de clivagem no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. (2000) “Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro”, Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, Portugal, 8 – 13 Maio.
- Gonçalves, R. (2010) *Propriedades de subcategorização verbal no português de S. Tomé*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- _____ (2012) *Mudança linguística e variação no português de São Tomé*. Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrónica e sincrónica. ISCTE/IUL
- Kato, M.; Braga, M^a.; Corrêa, V.; Rossi, M^a.; Sikansi, N. (1996) As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In Ingedore G. V. Koch (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas, SP: Ed. Unicamp, pp. 303-368.

- Kato, M. & Raposo, E. P. (1996) European and brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C. Parodi *et al.* (orgs.). *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, pp. 267-277.
- Lobo, M. (2006) “Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base.” In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs.). *XXI Encontro Nacional da APL. Textos Selecionados*. Lisboa: APL/Colibri, pp. 457-473.
- Lobo, M.; Santos, A. L.; Soares, C. (2012) Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e produção induzida. In Armanda Costa, Cristina Flores & Nélia Alexandre (orgs.). *Textos Selecionados do XXVII ENAPL*. Lisboa: APL, pp. 319-339.
- Móia, T. (2001) Aspectos Sintáticos-Semânticos das Orações Relativas com *quando* e *como*. In *Actas do XVI ENAPL*. Lisboa: APL, pp. 349-361.
- Ribeiro, I. & Côrtes Junior, M. (2009) As construções pseudoclivadas e clivadas. In Dante Lucchesi; Alan Baxter; Ilza Ribeiro (orgs.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 209-230.
- Soares, C. (2006) La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition. Diss. de Doutoramento. Univ. Paris 8.
- Vercauteren, Al. (2010) *Como é que é como é que? Análise de estruturas com é que em variedades não standard do português europeu*. Dissertação de mestrado, FCSH/UNL.
- Winford, D. (2003) *An Introduction to Contact Linguistics (Language in Society)*. Oxford: Blackwell Publ.